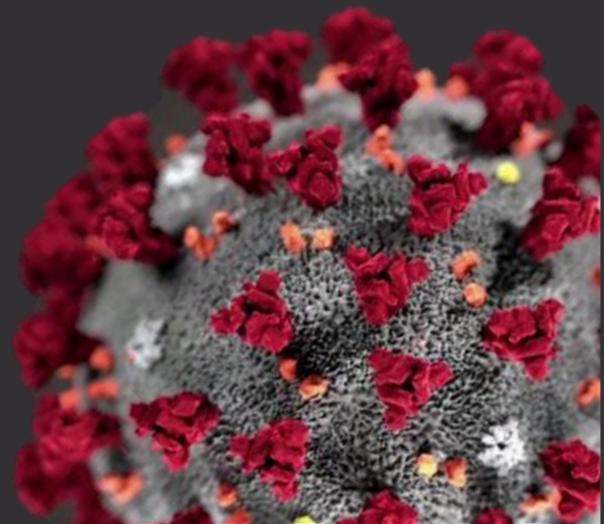


Painel de Monitoramento

Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social – SEDESE, por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego – SUBTE, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho no Estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

- Requisições de Seguro Desemprego;
- Estatísticas do Sine em Minas Gerais;
- Resultados PNAD Covid;
- Situação do Segmento de Serviços;
- Perspectivas para o BIP Global;
- Mercado de estágios;
- Educação Superior em tempos de pandemia.

SEGURO DESEMPREGO

Minas Gerais registra 51.200 requisições do benefício em agosto, queda de 17% em relação ao mês anterior

Com o cenário de instabilidade econômica e fechamento de postos de trabalho no Estado de Minas Gerais, a evolução do número de solicitações do Seguro Desemprego acaba se tornando um importante indicador para dimensionar os impactos da Covid-19 sobre o mercado de trabalho formal. Segundo dados do Ministério da Economia, o número de requisições do Seguro Desemprego, no Estado de Minas Gerais, em agosto, foi de 51.200 benefícios, uma diminuição de 17,7% em relação ao mês anterior. Após atingir o ápice de 103.339 solicitações em maio, o parâmetro veio passando por sucessivos declínios, um cenário positivo que dá indicativos de recuperação do mercado de trabalho formal após o significativo contingente de demissões nos meses iniciais da pandemia. Esses números de agosto podem ser interpretados com otimismo, inclusive, se analisados em uma perspectiva comparada com o mesmo mês do ano anterior, haja vista a redução de 19,8% sobre as requisições do benefício assistencial.

Se realizada uma observação a partir da classificação de setores econômicos, é possível identificar que, em agosto, o segmento de serviços (43,2%) e comércio (26,3%) lideraram o ranking de maiores demandantes do Seguro Desemprego em Minas Gerias. Na sequência aparecem a indústria (14,7%), a construção (9,7%) e, por fim, a agropecuária (4,7%), sendo que, no caso deste último, a menor participação pode ser explicada devido à tradição de informalidade, característica do setor.

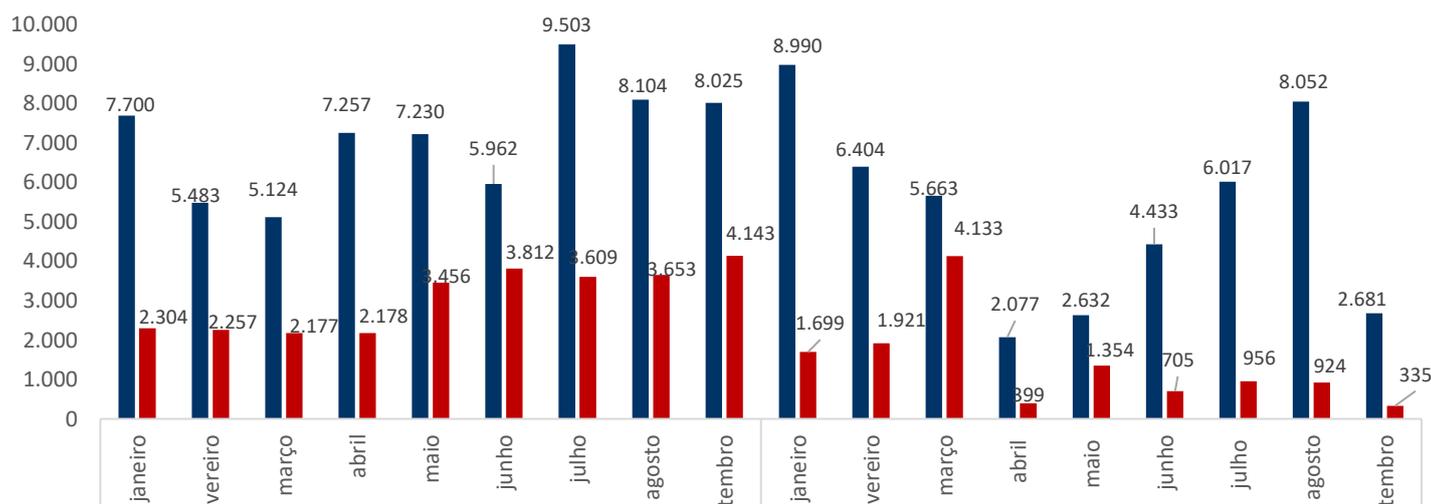
ESTATÍSTICAS DO SINE

Postos de atendimento retomam serviços presenciais

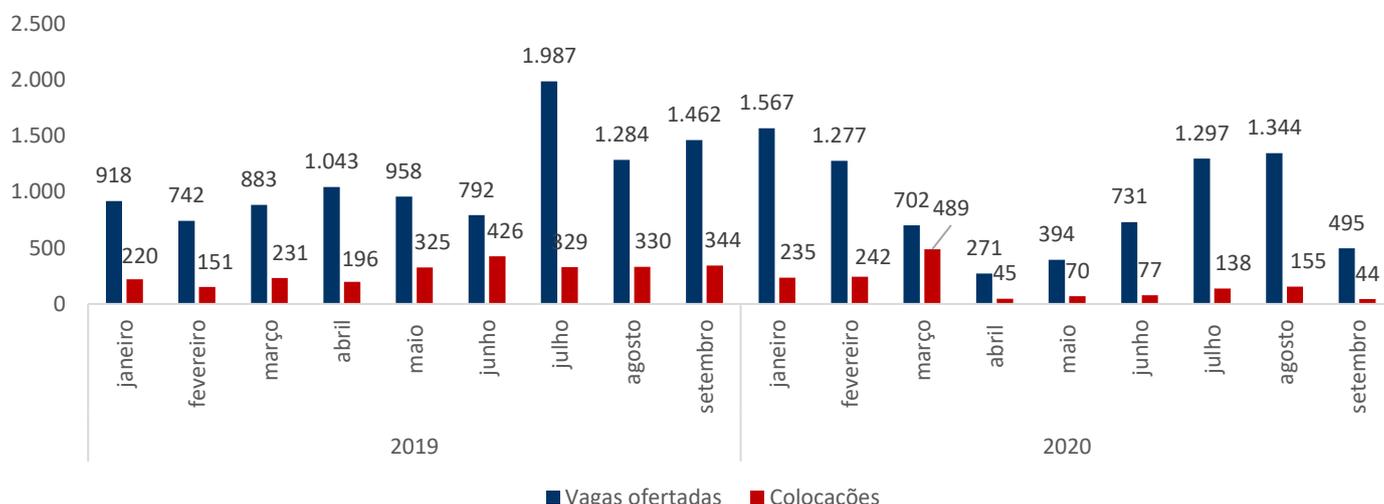
As unidades do SINE em Minas Gerais registraram 672.644 atendimentos entre janeiro e setembro de 2020 (até o dia 14/09), nos diferentes serviços ofertados pela rede, como habilitação do Seguro Desemprego e intermediação de mão de obra, que contempla encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

A interrupção dos atendimentos presenciais nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou na diminuição dos resultados e suscitou a demanda, por parte do trabalhador, para que os serviços fossem retomados. Por isso, diante das medidas de flexibilização do isolamento social que entraram em vigor a partir do mês de julho, algumas unidades retomaram o acolhimento presencial mediante agendamento prévio, o que justifica o aumento no número de vagas ofertadas e colocações. Os gráficos abaixo detalham essa realidade no Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte:

Intermediação de Mão de Obra - Minas Gerais



Intermediação de Mão de Obra - RMBH



■ Vagas ofertadas ■ Colocações

Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD

Dados referentes ao mês de setembro computados até o dia 14/setembro

PNAD COVID

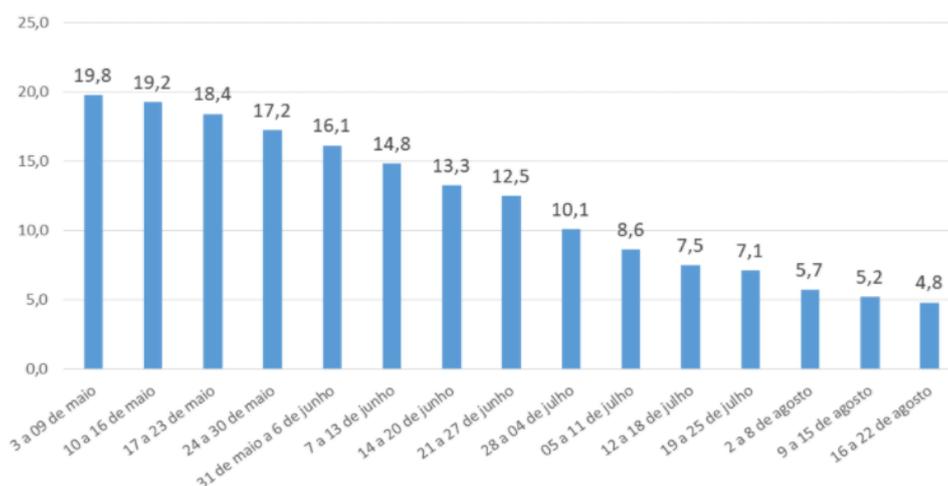
População ocupada afastada do trabalho devido à pandemia segue em queda e desocupação se mantém em 13,2%

Dados da PNAD COVID 19, relativos à terceira semana de agosto, apontam estabilidade no mercado de trabalho. A pesquisa estimou a população desocupada no país em 12,6 milhões e a taxa de desocupação em 13,2%; ambos indicadores demonstraram estabilidade frente à segunda semana de agosto. Entretanto, a população desocupada aumentou em 2,8 milhões desde a primeira semana de maio (9,8 milhões), início da pesquisa. Ao mesmo tempo, a taxa de desocupação cresceu 2,7 pontos percentuais (p.p) frente ao início de maio (10,5%). Quanto à população ocupada, a pesquisa estimou em 82,7 milhões de pessoas na terceira semana de agosto, resultado estável na comparação com a semana anterior e inferior ao registrado na primeira semana de maio (83,9 milhões).

Chamou atenção a tendência de queda do total de pessoas ocupadas e afastadas do trabalho em razão do distanciamento social desde o início da pesquisa. Na terceira semana de agosto, este grupo foi estimado em 4 milhões de pessoas, patamar estável frente à semana anterior, porém bastante inferior àquele registrado na primeira semana de maio (16,6 milhões). O resultado mostra que em um intervalo pouco menor que 4 meses, aproximadamente 14,6 milhões de trabalhadores que estavam afastados em razão da pandemia retornaram ao trabalho ou perderam seus empregos.

Para a coordenadora da pesquisa, Maria Lúcia Vieira, os dados apontam uma flexibilização do isolamento por parte da população. “De alguma forma, as pessoas estão flexibilizando as medidas de isolamento social, uma vez que aumenta o percentual de pessoas que estão tendo medidas menos restritivas e diminui o percentual daquelas que aplicam medidas mais restritivas de isolamento”, explica.

Percentual de pessoas ocupadas e afastadas do trabalho que tinham devido ao distanciamento social no total da população ocupada.



Fonte: [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística \(IBGE\)](#)

SERVIÇOS CRESCEM 2,6% EM JULHO

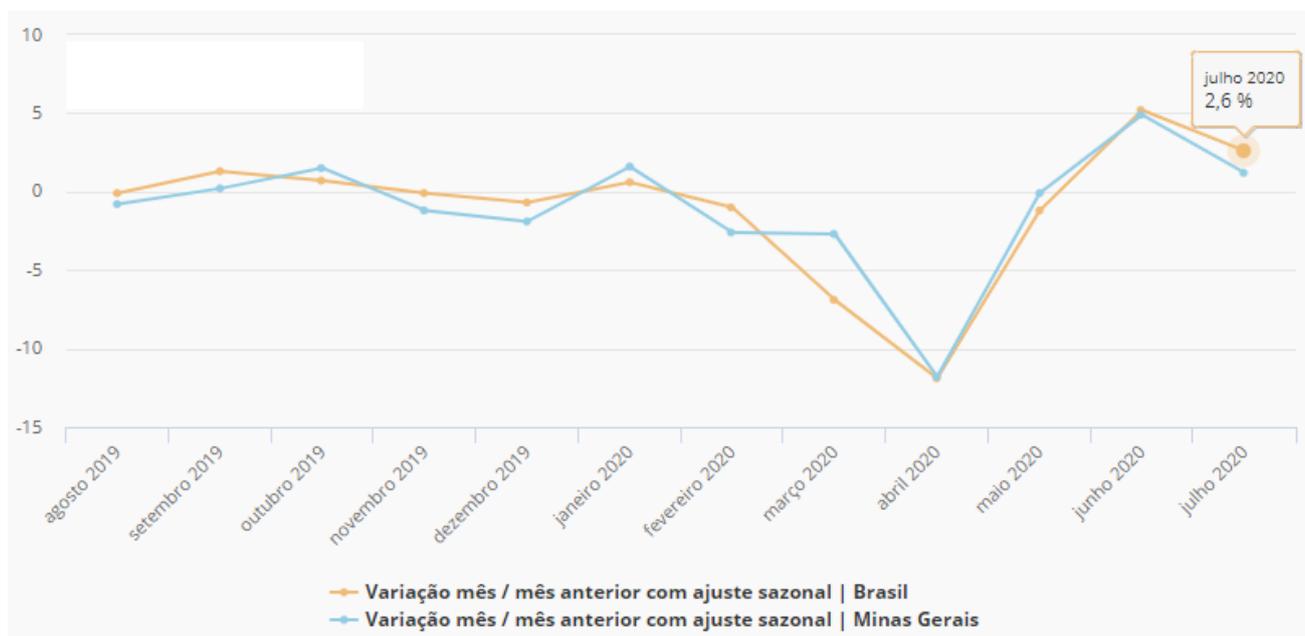
Aumento foi observado em 4 das 5 atividades pesquisadas

Em julho de 2020, o volume de serviços no Brasil cresceu 2,6% em relação ao mês anterior. É o segundo resultado positivo seguido do indicador, que em junho já havia registrado aumento de 5,2% frente a maio. Os dados são da Pesquisa Mensal de Serviços – (PMS), realizada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que permite acompanhar o comportamento conjuntural do setor de serviços no país. A pesquisa abrange empresas formais, com 20 ou mais funcionários, que desempenham serviços não financeiros como atividade principal, excluindo-se as áreas de saúde e educação.

Apesar da sequência de resultados positivos nos dois últimos meses (junho e julho), o crescimento ainda não recupera as perdas sofridas entre fevereiro e maio, período no qual o volume de serviços sofreu quatro quedas consecutivas e acumulou perda de 19,8%. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, o volume de serviços recuou 11,9% e, no acumulado dos últimos 12 meses, houve retração de 4,5% em julho de 2020.

“O avanço de 2,6% não foi suficiente para eliminar as perdas observadas entre fevereiro e maio. Vale destacar que o efeito da pandemia propriamente dito ocorreu entre março e maio. O resultado negativo de fevereiro ainda não era decorrente das medidas de isolamento social e sim uma acomodação do setor de serviços frente ao avanço do final de 2019. As perdas da pandemia entre março e maio somam 19,8%”, explica o gerente da pesquisa, Rodrigo Lobo.

Volume de serviços mensal em relação ao mês anterior (%)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Entre as cinco atividades investigadas na pesquisa, o crescimento em julho foi acompanhado por quatro delas. O agrupamento Serviços de Informação e Comunicação foi um dos segmentos que se destacaram. Essas atividades apresentaram crescimento médio de 2,2% em julho e de 6,3% no acumulado dos dois últimos meses (junho e julho). Outro agrupamento que se destacou foi o de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, que apresentou, em julho de 2020, ganho acumulado de 2,3% nos últimos 2 meses e crescimento de 14,4% em relação ao volume do mês de maio.

Os demais avanços vieram do setor de serviços profissionais, administrativos e complementares (2%) e do grupo outros serviços (3%). O primeiro acumulou ganho de 4% entre junho e julho, após recuo de 17,4% entre fevereiro e maio, enquanto o segundo agrupamento obteve ganho acumulado de 10,5% nos últimos dois meses, recuperando uma parte da perda acumulada entre março e maio (11,8%). Em contrapartida, o único segmento de atividade que apresentou resultado negativo em julho foi o de serviços prestados às famílias, que sofreu retração de 3,9% na passagem de junho para julho, mesmo após o resultado positivo de junho em relação a maio (12,2%).

PERSPECTIVAS PARA O PIB GLOBAL

Segundo a OCDE, maioria das economias do G-20 tem contração recorde do PIB no 2º trimestre

O Produto Interno Bruto (PIB) da maioria dos países que formam o grupo das 20 maiores economias do mundo (G-20) sofreu contração recorde no segundo trimestre diante das medidas de isolamento motivadas pela crise do coronavírus, segundo relatório publicado no dia 14 de setembro pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

O documento mostra que o PIB do G-20 teve uma queda inédita de 6,9% entre abril e junho ante os três primeiros meses do ano, bem maior do que o declínio de 1,6% visto no primeiro trimestre de 2009, quando a crise financeira mundial estava no auge. A China foi o único integrante do G-20 a ter expansão no segundo trimestre, de 11,5%, uma vez que o foi primeiro país a enfrentar a Covid-19 e a se recuperar

após o choque inicial da pandemia. Sem a China, a queda do PIB do G-20 no período foi de 11,8%.

Os tombos mais dramáticos foram na Índia, de 25,2%, e no Reino Unido, de 20,4%. Reduções marcantes também foram observadas no México (-17,1%), África do Sul (-16,4%), França (-13,8%), Itália (-12,8%), Canadá (-11,5%), Turquia (-11%), Brasil e Alemanha (-9,7% em ambos os países), Estados Unidos (-9,1%), Japão (-7,9%), Austrália (-7,0%) e Indonésia (-6,9%), revela o documento.

Já a queda menos pronunciada foi na Coreia do Sul e na Rússia, de 3,2% em ambos os casos. Em relação ao mesmo período do ano passado, o PIB do G-20 encolheu 9,1% no segundo trimestre, apontou a OCDE.

MERCADO DE ESTÁGIO

Pandemia de COVID-19 impacta mercado de estágios

Com o aumento no número de infectados pelo Coronavírus no Brasil e as consequentes medidas de isolamento social, não foi apenas o mercado de trabalho formal e informal que sentiram os reflexos da pandemia. O mercado de estágios, importante porta de entrada dos jovens na vida profissional, também sofreu uma significativa retração, fato que representa uma ruptura em relação à expectativa, traçada no início do ano, de expansão do número de vagas nessa modalidade.

Segundo a gerente de treinamento do Núcleo Brasileiro de Estágios (Nube), Yolanda Brandão, "Antes do início da pandemia, em janeiro, o mercado de estágios estava aquecido. No primeiro trimestre, nossa expectativa era de 44,6 mil novas oportunidades para os jovens. Seria um aumento de 14,1% em relação ao mesmo período de 2019", revelou Yolanda Brandão. No entanto, em abril deste ano, foram abertas, nessa mesma plataforma online, apenas 8% da quantidade de vagas registradas no mesmo mês de 2019. Já em maio de 2020, foram 17% das oportunidades do ano anterior. Nesse cenário de escassas oportunidades, Yolanda Brandão diz que o grande desafio das empresas nesse novo contexto, mais do que selecionar, é gerir os candidatos à distância. Para agosto, as estimativas projetam que haja perda de 30% no número de vagas na comparação com o mesmo mês de 2019, uma queda grande, mas bem menor quando comparada com abril.

Segundo Tiago Mavichian, diretor de estágios de uma plataforma online, entre fevereiro e março deste ano, a média de vagas de estágio estava em torno de 380 novos postos na Cia de Estágios. Já no Nube, semanalmente, eram abertas, em média, 5.500 oportunidades, número este que caiu para, em média, 700 vagas por semana, uma retração de 87,2%. Destaca-se ainda que muitas destas oportunidades não são novas, mas sim remanescentes, segundo a gerente de treinamento. Simultaneamente, na Cia de Estágios, de acordo com Tiago Mavichian, foram registradas menos 35,4% vagas no primeiro semestre deste ano, em comparação ao mesmo período de 2019.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que, se por um lado, a oferta no número de vagas de estágio sofreu uma brusca diminuição, por outro, a demanda tem estímulos para aumentar. Isso porque jovens cuja renda familiar tenha sido impactada pelo desemprego de algum parente próximo tendem a buscar uma oportunidade de trabalho como estagiário para suprir essa lacuna. Além disso, profissionais mais experientes, em processo final de formação ou mesmo aqueles que já estão em sua segunda graduação tendem a entrar na competição por uma vaga de estágio, haja vista a dificuldade de conseguirem uma oportunidade de carteira assinada. Nesse cenário de aumento da concorrência, Tiago Mavichian chama a atenção para o fato de que "Nunca houve, como hoje, tantas plataformas abrindo conteúdos de educação de qualidade e gratuitamente ao mesmo tempo! Lembre-se: o que você está fazendo agora na crise vai determinar seu pós-crise! Essa sem dúvida será uma pergunta que você terá que responder em uma futura entrevista de emprego".

EVASÃO UNIVERSITÁRIA

Crise econômica pode impulsionar taxa de evasão no ensino superior e impactar mercado a médio prazo

Diminuição da renda e falta de perspectivas estão entre os fatores que têm levado mais alunos a desistirem de seus cursos de graduação em 2020, é o que aponta reportagem do Portal de Notícias G1. A chegada da pandemia pode aumentar significativamente a taxa de evasão universitária, que segue tendência de crescimento desde 2011. A rede privada de ensino, que concentra quase 80% do total de estudantes universitários no país, já sentiu os impactos da pandemia. A taxa de inadimplência no primeiro semestre de 2020 foi 51% maior que a registrada no mesmo período do ano passado, além disso, a taxa de evasão cresceu 14%. Houve também redução drástica do número de alunos matriculados nos cursos de graduação no segundo semestre de 2020, que sofreu queda de 50%, segundo o sindicato das mantenedoras do ensino superior. Outro levantamento, este feito pela Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (Abmes), divulgado em junho, mostrou que, entre os estudantes entrevistados, 42% alegaram risco de desistirem de seus cursos.

Embora ainda faltem dados sobre os impactos da pandemia na taxa de evasão na rede pública de ensino superior, é bastante razoável esperar um movimento semelhante ao observado na rede privada, avalia Isabel Hartmann, pró-reitora de graduação da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e integrante da Andifes, a associação de reitores das universidades federais do país. “Podemos dizer que 50% dos alunos das universidades federais são pessoas em vulnerabilidade social. E sabemos que, na sociedade como um todo, as famílias têm sido muito impactadas”, afirma.

Sobre os impactos de médio e longo prazo dos impactos da pandemia no mercado de trabalho, Daniel Duque, pesquisador da área de Economia Aplicada da Fundação Getúlio Vargas, chama atenção para a possibilidade de aumento do fenômeno chamado "mismatching", expressão comumente usada para se referir a incompatibilidade entre formação dos candidatos e qualificação exigida na vaga. “As vagas que exigem ensino médio completo poderão ser preenchidas por profissionais com diploma do ensino superior, simplesmente porque há oferta”, avalia o economista.

Sobre os possíveis impactos no longo prazo, Lucas Oggiam, da multinacional de recrutamento PageGroup, avalia que "a falta de mão de obra especializada no mercado brasileiro já é uma realidade" e que "O impacto da pandemia virá daqui a 5, 10, 15 anos. O Brasil padece de mão de obra qualificada há tempos, mas ter um agravamento da mão de obra formada é bastante desafiador". O cenário apresentado pode aumentar a disputa por trabalhadores qualificados no mercado de trabalho, inflacionando salários em áreas como a de tecnologia por exemplo, além de criar obstáculos para a globalização das empresas brasileiras, devido à redução da oferta de profissionais qualificados no mercado.